

CONTO

TÚNICAS VERMELHAS

*Por Astier Basílio*

Está com a testa franzida. A mão, erguida com os dedos muito abertos. O vermelho que lhe suja o rosto é de melancia. Está só de calcinha. Tem 5 anos. Com esta idade, falava que quando crescesse iria ser a baiana do acarajé.

Após ordenar diários, agendas, abandona a caixa de papelão.

Pega o celular.

A gravação indica que a chamada será encaminhada após o sinal. Espera.

Olha só.

Acho que esse deve ser, sei lá, o quinto recado que eu deixo. Só essa semana.

A última vez que eu fui aí, a senhora nem saiu do quarto pra me receber.

Tá, eu sei que não fui fácil. Que esse tempo todo. Enfim.

Mas a gente não pode ficar pra sempre desse jeito.

Silêncio. Suspiro.

Tá, na boa. Eu tô tentando, e não me venha com aquele papo de que eu estou querendo é livrar minha barra, pedindo perdão, pra poder me sentir melhor, que não é isso.

É que eu tava procurando a minha foto. A vestida da baiana do acarajé. Não achei nas minhas coisas. Deve estar aí.

Pede pra Nina achar pra mim.

Há uma pausa longa.

Beijo, mãe.

Separou em uma extremidade do quarto, numa sacola de lixo,

os pôsteres de Raul Seixas, Kiss, Ozzy Osbourne, Alice Cooper. A caixa com os livros de bruxaria, nem chegou a ser aberta. Encostou-a. Havia outra com revistas de ufologia. Conferiu, nas duas, se não havia outro conteúdo dentro. Amontoou o que tirou de lá. Rasgava uma a uma as folhas. Revista por revista. Deixou ao alcance rodo, balde e um pano.

Resolveu ligar o rádio enquanto juntava as cinzas e punha fogo no passado. Enganou-se e sintonizou no programa da Igreja Ide por Todo Mundo. Não percebeu a diferença.

E agora com vocês, a palavra amiga do Apóstolo Lacerda. Vinheta.

Faremos agora, uma transmissão direta do culto da nossa Catedral da Fé.

Boa noite, pessoal. Que Deus abençoe a todos, rica e abundantemente, em o nome do nosso Senhor e Salvador Jesus.

Pessoal, antes de nós iniciarmos o culto, eu queria aproveitar que estamos em cadeia, amém, e fazer uma comunicação oficial do Conselho de Bispos da Ide a respeito do desligamento do Pastor Amaro Duarte Diaz.

Um azul desbotado, as roupas vermelhas, os óculos escuros. Manuela soube de um festival que aconteceria no Espírito Santo. A mãe deixara com ela o dinheiro do pagamento de algumas contas. Manuela olhando lasciva para o lado enquanto a fumaça da maconha conseguia um véu que lhe contornava o olhar. Um revival de Woodstock. Seriam os mesmos dias com bandas cover. Na última vez que brigaram, a mãe falou que ainda espera por este dinheiro.

Ele, que ao sair se nomeou Bispo, alegou divergências doutrinárias. Falou que na igreja nova dele, a Evangélica do Varadouro, não teria mais essa coisa de rosa unguida. Os pontos de contato, amém?

Pessoal, quem aqui recebeu alguma bênção, algum milagre, devido a campanhas nossas em que nós estimulamos a sua fé por meios desses pontos de contato, alguém? Toda a igreja, não é? Praticamente toda a igreja.

Manuela e apenas um véu vermelho serpenteando pelo corpo. É por do sol em uma cobertura na Augusta. Ela interpretaria Jean Genet. Mas não o faria como um homem. Foi no tempo em que morou com prostitutas e um michê. Fez laboratório para uma peça que nunca montou. Passava o texto enquanto o cubículo em que suas colegas trabalhavam era usado.

Ele também disse que iria fazer um reordenamento doutrinário. Que não se pregará sobre a prosperidade. Que não fará campanha de fé. Pessoal, se Deus quisesse que a gente só lesse o Novo Testamento por que razão ele deixaria que chegasse até nós o Velho? É. A igreja nova daquele que se diz Bispo que não vai ter voto. Não vai ter sacrifício de fé. Amém?

Quem aqui pode dizer assim, Apóstolo, eu recebi uma bênção, por meio da minha fé, primeiramente, e em segundo lugar, provando a Deus aqui no altar da Ide, atrás das campanhas, deixa eu ver, levanta a mão pessoal. Quem, a senhora? Ali nas galerias. Quem mais? Muitas pessoas, amém. O que eu posso dizer, pessoal, é que no Dia do Juízo, ele, o que se diz bispo, vai ser cobrado por não ter conduzido as ovelhas do rebanho dele aos pastos verdejantes. Que quando Deus chegar e disser: servo, o que fizeste com o talento que eu deixei? Aí, aquele que se diz bispo vai dizer: ah, senhor, eu o enterrei. Sabe o que vai acontecer? Não sou eu quem diz não, pessoal, não e o Apóstolo quem diz não, é a Palavra, Deus vai dizer, pra aquele que diz diz Bispo: aparte-se de mim, servo mau e negligente. Amém, pessoal?

Nas duas imagens está usando um chapéu de massa e um ga-

lho de arruda na orelha. O azul que vê estourando em tons Kodac é de Pipa. Lembra-se de ter conhecido a moça, em quem se enrosca num abraço de beijos e pescoço, na casa da filha de um americano de quem diziam que era um velho dos tempos da base americana em Natal, na II Guerra. Outros diziam que, num dos quartos da pousada, estava uma coleção de artigos nazistas. Fazia anos que ninguém o via. Diziam que quando surgiu o Viagra, ele passou a experimentar com a filha, Dorothy. Teria morrido assim. Na segunda foto, Manuela está dando um selinho em uma negra de cabelos curtos. Ao olhar no verso, reconhece sua letra, lê um nome que não lhe ajuda muito: “Mariá”. Manuela a conheceu porque conseguiu, não recorda como, participar do “sarau só com sereias”, na casa de Dorothy. Contrataram uma banda de jazz, para que se apresentassem despida à beira da piscina. Mariá era clarinetista desta banda. Cada número era intercalado por leitura de poemas de Sylvia Plath, Alejandra Pizarnik, Ana Cristina César.

E não é a primeira, nem será a última vez que o orgulho entrará no coração de quem serve a Deus, amém. Ora, se o próprio Deus sentiu isso, o que não pode acontecer conosco, vasos falhos? Deus sentiu isso em sua própria corte celeste, amém? E não era qualquer um não. Era o chefe dos anjos. O que era cheio de luz.

Manuela fez uma instalação que consistia em que cada espectador se localizasse nos círculos do inferno. Ela ficava em um quarto de revelar fotos, todo vermelho, e poderia ser espiada, os lugares para ela ser vista variavam de acordo com os pecados cometidos, definidos por uma espécie de programa de computador. Mostra o indicador e tem uma expressão de fúria porque naquele momento nem estava no personagem, tampouco fora dele.

E naquela reunião em que decidimos transferir o Pastor Ama-

ro, porque nós, os pastores, bispos e o Apóstolo, da Ide, nós não temos nossa opinião pessoal, até eu mesmo, o Apóstolo Lacerda não tenho isso de minha vida, nós não temos nosso desejo, nós sacrificamos nossa vida no altar, e estamos dispostos a quê? A tudo, pessoal. Tudo. Nós decidimos, por meio do Conselho de Bispos, porque sempre que há uma transferência assim, para outro país, votamos, e chegamos à conclusão de que seria melhor para o crescimento espiritual do Pastor Amaro que ele seguisse como missionário em Cuba, onde, após muito tempo, muita luta, muita negociação, inclusive com os nossos parlamentares, amém, conseguimos abrir um núcleo de trabalho lá. Cometendo o pecado da insubordinação, o Pastor Amaro se rebelou, e como acontece nestes casos, levou com ele uma terça parte com ele, uma terça parte que o seguiu e decidiu vestir túnicas vermelhas.

Vê-se o sorriso constrangido de Frei Lúcio, faces rosadas, calvo, óculos de armação redonda. Está desfocado. As mãos para o alto. Abaixada até o chão, flexionando a coluna, de frente para o religioso e esfregando-se nele, Manuela faz sua palhaça, Priquita. O templo ao fundo é um antigo convento de capuchinhos, hoje pousada, em Guaramiranga. Sob o rosto pintado de branco, uma boca rasgando lasciva em vermelho. Ela tem os olhos em transe. E o sorriso com língua segura uma pelota de morango.

É o que a própria Bíblia diz, uma casa dividida não subsistirá, e nós, da Ide, não somos uma casa dividida. Tanto é assim que, por exemplo, quando precisamos comprar um templo, como o do Varadouro... que o Pastor Amaro se apossou como se fosse dele, como se fosse comprado com o dinheiro dele, e não é, e não foi... nem foi com dinheiro só do povo do Varadouro, nós precisamos de ajuda de outras regionais, que vieram em socorro.

Manuela sem maquiagem. Óculos escuros. Os cabelos assa-

nhados. Olha para a vitrine de um sebo. O piso onde o sol cai em pedras é Portugal. Perderá seu grande amor naquela tarde. Deixará as malas e os documentos no hotel. Errará por alguns dias pela Europa até ser localizada por amigos em comum num acaso cujo fio a memória não recupera. Diz a eles que não retornará ao Brasil. Que prefere assim, a vida sem rumo. Que não está feliz, mas que ao menos segue adiante. A foto, tirada por alguém do grupo, era para que o grande amor dela, aquela altura em pânico, dedicado a encontrá-la, a reconhecesse. Manuela se recusava a confirmar ser quem era. Foi tão convincente que ficaram mesmo em dúvida. Não posou para a foto. Do conjunto que resultou, só na terceira imagem é que se vê bem seu rosto. Tempos depois, pensou em montar uma exposição com um diário sobre a perda daquele grande amor. O título seria: “Eu conto a minha vida pra você”. Haveria uma cabine. Os convidados escolheriam as fotos e Manuela contaria em 5 minutos a história por trás da imagem. Idealizou que alternaria memória com mentira. Imaginou que algumas pessoas retornariam dia seguinte para ouvir a mesma mentira ou uma memória diferente. De volta, reatou o relacionamento com o grande amor. Largou-o na semana seguinte por um jovem que conheceu nas aulas de yoga.

---

**ASTIER BASÍLIO** (PARAÍBA/PERNAMBUCO) – Escritor, Jornalista e Dramaturgo. Graduado em Jornalismo. Publicou 10 livros de poemas, entre eles “Finais em Extinção” (2009, Prêmio Correio das Artes). É co-autor da peça Ariano, montada pela companhia Epigenia, do Rio de Janeiro, em 2007. Em 2011 foi premiado com o seu livro de contos “Varadouro, Varadouro” (Prêmio Funesc).